

IMIGRANTES DO BRASIL



# MEU AVÔ JUDEU

Henrique Sitchin

Ilustrações

Ionit Zilberman



Texto © Henrique Sitchin  
Ilustração © Ionit Zilberman

Diretor editorial <i>Marcelo Duarte</i>	Projeto gráfico e diagramação <i>A+ Comunicação</i>
Diretora comercial <i>Path Pachas</i>	Colaboração <i>Isadora Attab</i>
Diretora de projetos especiais <i>Tatiana Fulas</i>	Preparação <i>Nina Rizzo</i>
Coordenadora editorial <i>Vanessa Sayuri Sawada</i>	Revisão <i>Veronica Armiliato</i>
Assistente editorial <i>Olívia Tavares</i>	Fotos <i>p. 37: © Alexander Voronzow / USHMM / Belarusian State Archive of Documentary Film and Photography / United States Holocaust Memorial Museum</i> <i>p. 38: domínio público e acervo pessoal</i> <i>p. 39: iStock</i> <i>p. 40: Daderot / Royal Ontario Museum e iStock</i>
	Impressão <i>Corprint</i>

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Sitchin, Henrique  
Meu avô judeu / Henrique Sitchin; ilustração Ionit Zilberman. – 1. ed. –  
São Paulo: Panda Books, 2018. 40 pp. (Imigrantes do Brasil)

ISBN: 978-85-7888-698-1

1. Ficção infantojuvenil brasileira. I. Zilberman, Ionit. II. Título. III. Série.  
Bibliotecária: Meri Gleice R. de Souza – CRB-7/6439

18-48718

CDD: 028.5  
CDU: 087.5

2018

Todos os direitos reservados à Panda Books.  
Um selo da Editora Original Ltda.  
Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41  
05413-010 – São Paulo – SP  
Tel./Fax: (11) 3088-8444  
edoriginal@pandabooks.com.br  
www.pandabooks.com.br  
Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

*Para o meu amado vovô, Israel  
Sitchin. Que sua lembrança seja eterna!  
E para toda a nossa família, que ele criou  
e cultivou com tanto amor e dedicação.*

*Para o meu pai, Elias Sitchin, que nos  
deixou durante a elaboração deste livro.  
Uma das grandes alegrias dos nossos últimos  
encontros era conversar sobre este texto. Para  
a minha mãe, Jeanete Prizskulnik, a quem  
devo o amor pelos livros e pela escrita.*

*Para a minha esposa Karina, sempre incansável  
colaboradora e incentivadora dos meus trabalhos.  
E para os meus filhos tão amados, para que levem  
adiante a nossa história.*

Henrique Sitchin

*Para meu pai, Peter, que reconstruiu sua vida  
tantas vezes, em lugares tão diferentes.*

Ionit Zilberman

## MEU AVÔ BRINCALHÃO

Eu não entendi direito por que o vovô riu quando eu falei que precisávamos de um guarda-chuva para irmos até o mercado. A vovó havia nos pedido para comprar batatas. Ela ia fazer os deliciosos *varenikes*, um prato típico judaico que eu adorava!



Ora essa, olhei para o céu e percebi que logo iria chover.

– Vê, precisamos de um guarda-chuva! Acho que vai chover! – eu disse, decidido.

O vovô começou a rir, bem baixinho, como se não quisesse que eu o percebesse rindo.

– O que foi, vovô? Por que o senhor está rindo? – logo perguntei.

– Não é nada, meu neto, bobagem do vovô – ele respondeu, encabulado.

– Ah! Conta vovô, por que você está achando isso tão engraçado?

Eu adorava ouvir as histórias que ele contava, e com certeza havia uma história divertida escondida naquela risada.

– Está bem – disse o vovô, tranquilamente –, vou contar. É que você falar do guarda-chuva me fez lembrar dos meus primeiros dias no Brasil logo que cheguei aqui, há muitos e muitos anos... Quando me disseram que esse objeto se chamava guarda-chuva, achei engraçado e pensei: por que aqui no Brasil as pessoas querem guardar a chuva em cima da cabeça? Quando chove, a gente deveria dizer: sai pra lá, chuva! E não querer guardar a chuva dentro do guarda-chuva! Até porque, quando fosse abrir o guarda-chuva para usá-lo uma próxima vez, a pessoa tomaria um verdadeiro banho com a água que ficaria ali guardada.

Dei uma boa risada daquele pensamento maluquinho do vovô. Ele adorava me divertir e logo aproveitou para contar mais uma coisa engraçada.



– Uma vez, Henriquinho, vi uma moça na rua com uma panela na mão, furiosa, correndo atrás de outra moça, com quem havia brigado. Ela gritava: “Não adianta fugir! Eu te pego!”. Eu logo pensei que aquilo era muito perigoso. Ela iria bater com a panela na outra moça.

– Puxa, vô! – eu protestei. – E por que você achou isso engraçado?

– Não era nada engraçado ver as moças brigando na rua, mas foi bem divertido ver que uma corria atrás da outra com uma panela na mão. Até então, eu achava que a panela servia apenas para fazer comida. Naquele dia eu concluí: acho que a panela também serve para uma moça bater em outra moça e fazer “pá! nela!”... Deve ser por isso que tem esse nome, “panela”... – disse o vovô, divertindo-se.

O vovô era muito bem-humorado. Ríamos juntos das suas lembranças engraçadas. Ele contou de quando confundiu uma xícara com um penico. Naquele tempo, logo que ele chegou ao Brasil, as pessoas faziam xixi nos vasos sanitários, mas também em penicos, porque nas casas antigas costumava haver um único banheiro, que ficava lá no fundão ou fora da casa. Quando as pessoas acordavam no meio da noite, apertadas para fazer xixi, no inverno, em lugar de irem até o banheiro, no frio, faziam xixi em um penico, uma espécie de baciazinha, que costumavam deixar embaixo da cama, justamente com o formato de uma grande xícara. Quando o dia amanhecia, levavam o penico cheio até o banheiro e despejavam o xixi no vaso sanitário.

Bom, o vovô achou que o nome do penico, em português, era xícara, pois havia pensado que uma Xícara serviria para fazer XIXI... Quando lhe explicaram que o nome correto era penico, ele logo pensou: Ah, claro, pipi se faz no “pipinico”... Pipinico parece com penico!

E era assim, se divertindo, que o vovô ia aprendendo a falar a nossa língua...



## A PEQUENA ALDEIA

O meu avô nasceu em uma pequena aldeia que eu nunca entendi se ficava na Rússia ou na Ucrânia. Quer dizer, era na Ucrânia, mas a Ucrânia, naquela época, pertencia à Rússia. O vovô, no entanto, não chamava o lugar onde nasceu nem de Ucrânia, nem de Rússia. Ele simplesmente dizia que havia nascido na pequena aldeia de Golovanievski.

O que foi, amigo leitor? É muito difícil esse nome? Vou fazer como o vovô fazia comigo. Repita devagarzinho: GO – LO – VA – NI – EVS – KI. Isso! Agora fale tudo junto e rápido: Golovanievski.

Está bem, eu sei que não ajudou muito... Então, calma! Não se assuste mais. Prometo que, na próxima vez que citá-lo, falarei apenas “a aldeia do vovô”, para que você não tenha o trabalho de ler esse nome de novo.

Pois bem, Golova... OPS! Digo, a aldeia do vovô era uma pequena vilazinha onde viviam apenas judeus. Essas pequenas vilas recebiam o nome de *shtetel* (se diz ch-te-tel) em ídiche, que significa “cidadezinha”.



Desculpe-me de novo, leitor, por mais esta palavra difícil: ídiche. Esse é o nome do idioma que o vovô falava na sua infância em Golova... DESCULPE! Na sua pequena aldeia. Esse idioma era uma mistura de hebraico, alemão e palavras de outras línguas. O vovô nunca aprendeu a falar ucraniano ou russo. Passou a infância falando apenas ídiche. Por isso, quando chegou ao Brasil, foi complicado aprender a falar português, uma língua totalmente diferente da sua.

Mas o vovô não se importava com a dificuldade de aprender uma nova língua, mesmo que fosse tão trabalhoso. Ele me contava que aquilo que fazia com as palavras, como guarda-chuva, panela e penico, era uma brincadeira. Pois problemas de verdade, ele havia enfrentado outros, bem mais complicados...



## UM OUTRO TEMPO



Eu gostava muito de conversar com o vovô! Adorava quando ele ia me buscar na escola, pelo menos uma vez por semana, porque assim podíamos falar bastante durante o trajeto. Um dia, enquanto estávamos a caminho da minha casa, ficamos parados no imenso trânsito de São Paulo. Havia carros para todos os lados, todos parados, buzinando...

– Quantos carros, quanta gente... – falou o vovô, suspirando.

– É mesmo, vô, e eu estou com fome. Queria chegar logo em casa para almoçarmos – comentei.

Íamos demorar um bocado até chegarmos em casa. A minha fome teria que aguentar. O vovô costumava dizer que quando temos um problema que não pode ser resolvido naquele exato instante em que pensamos nele, nada melhor do que não pensar naquele problema. Foi então que ele falou:

– Para você não pensar na fome, vamos pensar em outra coisa!



Ele abriu a carteira, onde guardava os seus documentos, e tirou lá de dentro uma fotografia bem antiga, já toda amarelada e amassada. Desamassou a foto cuidadosamente, aproximou-se de mim e perguntou:

– Está vendo esse menino aqui na foto? – disse, apontando para a menor das crianças que apareciam na imagem entre algumas moças e rapazes.

– Sim, vô! Quem é?

– Esse sou eu, o seu avô, quando era criança. Aqui eu deveria ter uns seis ou sete anos de idade... E todos estes, em volta, eram os meus irmãos. Éramos em nove irmãos e eu era o caçulinha de todos – respondeu o vovô, ao tempo que já lhe caíam lágrimas dos olhos.

– O que foi, vô? Você ficou triste? – perguntei, ao vê-lo chorando.

– Sim, fico triste, com saudades dos meus irmãos. Mas não peguei esta foto por causa disso. Até porque não posso resolver o problema das saudades. Peguei esta foto por causa do trânsito em que estamos presos!

Eu não conseguia entender aonde o vovô queria chegar. Qual seria a relação daquela imagem com o trânsito de São Paulo?

Foi então que o vovô explicou: na foto, as nove pessoas estavam sobre um chão de neve bem grossa, em frente a uma pequena e muito simples casinha de madeira. As crianças menores tinham neve até os joelhos. Em volta não se via nada além de pequenas árvores baixinhas, todas brancas, também cobertas pela neve.



– Veja, Henriquinho, que esse pequeno garotinho com neve até os joelhos, neste lugar tão pequeno, com poucas casinhas, todas muito simples, onde se ia de um lugar ao outro a pé ou em carroças puxadas por cavalos, sou eu, o seu avô! Pois bem, quase setenta anos depois, estou sentado aqui, dirigindo este carro barulhento, entre estes prédios enormes de São Paulo...

– Puxa, vô, sua vida era totalmente diferente da vida de hoje, não é?

– Totalmente, Henrique... – confirmou o vovô e continuou comentando: – Sabe, esse pequeno menininho aqui, eu criança, se tivesse muita, muitíssima imaginação, talvez até conseguisse imaginar uma carroça andando sem os cavalos... Mas jamais imaginaria este verdadeiro mar de carroças sem cavalos, os carros de hoje em dia, tão barulhentos, em um mundo em que constróem uma casa em cima da outra, e de outra e de outra e de outra...



Sim, o mundo do vovô criança era bem diferente do mundo de hoje... Quando chegava o mês de julho e as férias começavam, muitas vezes eu e os meus irmãos íamos com ele e a vovó para uma pequena cidadezinha no interior de São Paulo, da qual o vovô especialmente gostava. Lá havia um grande lago, na praça central, cercado por um bonito gramado onde as pessoas se sentavam para, como dizia o vovô, não pensar nos problemas. Eu adorava jogar migalhas de pão para os patinhos que nadavam no lago. Vinham todos juntos, nadando em minha direção, daquele jeito engraçado que nadam os patos, fazendo um barulhão gostoso, como se estivessem pedindo mais pão. Um dia eu perguntei:

– Vô, quando você era criança, dava comida para os patos, lá na sua aldeia cheia de carroças com cavalos?

O vovô riu e me contou que em Golo... que em sua aldeia tudo era muito diferente do Brasil. No inverno, fazia muito frio e os lagos congelavam. Uma das brincadeiras das crianças era tentar andar pelo lago congelado sem escorregar. Eu logo imaginei o vovô escorregando e caindo de bumbum no chão. Ele, que parecia ler os meus pensamentos, logo perguntou:

– Do que você está rindo, Henrique?

– Ah, não fica bravo, vô... Imaginei você caindo de bumbum no chão.